

TÃO LONGE, TÃO PERTO: A PRESENÇA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – POSSIBILIDADE OU REALIDADE?

São Paulo/SP – Abril/2013

Vilma Silva Lima Universidade Cruzeiro do Sul vilma.lima@cruzeirdosul.edu.br

Categoria - F

Setor Educacional 3

Classificação das áreas de Pesquisa em EaD

Macro: D / Meso: J / Micro: N

Natureza - C

Classe - 1

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo buscar resposta para a seguinte pergunta: Em um espaço marcado pela distância, como ocorre no ambiente virtual de aprendizagem, é possível estabelecer vínculos de afetividade na relação entre tutor e aluno? Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas narrativas de alunos de cursos da Universidade Cruzeiro do Sul, matriculados em disciplinas online em 2012.

Palavras Chave: afetividade; cognição; educação a distância; Ambiente virtual de aprendizagem;

Introdução

Vivemos um período de constante desenvolvimento tecnológico nas áreas de informação e de comunicação, no qual os diferentes espaços sociais se apresentam rodeados de novas técnicas e métodos de comunicação e difusão da informação e do conhecimento. A tecnologia avança nos diferentes

espaços cotidianos: está em nossas casas, no trabalho, nas ruas, e até mesmo em nossos bolsos, com aparelhos celulares cada vez mais modernos que nos permitem estar o tempo todo em todos os lugares.

Essas transformações têm ultrapassado o campo do lazer e chegaram à área de aprendizagem e formação. De acordo com Gadotti (2000, p. 07), “as novas tecnologias criaram novos espaços de conhecimento”. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, pois podem, de casa, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância.

Nesse contexto destacam-se as TICs - tecnologias da informação e da comunicação - que vêm transformando o modo de fazer negócios, o modo de trabalhar, o modo de se relacionar e também possibilitando novos recursos para o aprendizado em todos os níveis de ensino. “Eles [crianças e jovens] ‘vivem’ tecnologias e quem não vive sonha em viver. É o mundo deles. Isto é fato. Como ignorar este potencial?”¹. Se, num primeiro momento as TICs eram vistas pelos “educadores/educandos” como “elemento” facilitador do processo de ensino e aprendizagem, hoje devem ser vistas como o centro de uma nova forma de ensinar e aprender, que influencia, em primeiro lugar, o modo de se comunicar e o modo de se relacionar. Nesse sentido as TICs devem ser assumidas como parte da cultura escolar e não mais como diferencial ou adendo.

Uma das possibilidades que o avanço da tecnologia propiciou foi a modernização² do oferecimento de cursos, em todos os níveis, na modalidade a distância. As técnicas do Ensino a Distância de hoje combinam os já tradicionais recursos educacionais, com as ferramentas de tecnologia de informação e comunicação disponíveis na sociedade contemporânea. Os ambientes virtuais de aprendizagem, baseados na aplicação intensa e ampla de tecnologia de informação e comunicação, estão afetando sobremaneira o processo educacional em várias e profundas dimensões. Vivemos, segundo Maia e Mattar (2007), a terceira geração da Educação a Distância. Segundo os autores, a partir de 1995, em função da explosão da internet, surgiu um novo território para a educação, “o espaço virtual de aprendizagem, digital e baseado na rede”.

O desenvolvimento da Educação a Distância, em função das novas mídias interativas impulsionadas pelas TICs alterou os paradigmas de ensino e de aprendizagem. Nestes novos cenários, todos os atores envolvidos no processo passaram a desempenhar novos papéis. Consideraremos para a nossa discussão somente dois atores – alunos e professores –. Entende-se que na Educação a Distância, professor e aluno estão em patamares semelhantes, se não iguais. Perrenoud (2000) diz que o professor, neste novo contexto, mais do que ensinar, aprende, na medida em que se concentra na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem. O aluno, por sua vez, é o responsável pelo design de sua aprendizagem, portanto é o responsável por monitorar e regular o seu próprio estudo.

Neste novo espaço pode-se falar de aprendizagem responsável, planejada, organizada, independente e não linear, na qual o aluno deve traçar o seu próprio caminho. Toda essa tecnologia colocada à disposição da educação precisa ter como alvo desenvolver as possibilidades individuais, tanto a níveis cognitivos quanto afetivos. A discussão que se segue tem foco, exatamente, nestas duas questões: cognição e afetividade.

A recente história da EaD no Brasil

A Educação a Distância no Brasil seguiu os passos do movimento internacional, ou seja, os primeiros cursos ofertados eram por correspondência. A grande diferença ficou por conta do uso intensivo dos meios de comunicação de massa – rádio e televisão -. Segundo Maia e Matar (2007) há grandes marcos da Educação a Distância no Brasil, destacando-se o início da Radiodifusão no país (1923), passando pela sistematização da EaD em 1960, a implantação das tevês educativas a partir de 1966, diversas ações durante os anos 1970 voltadas ao desenvolvimento de teleducação. As tecnologias da informação e da comunicação, que avançaram rapidamente a partir da década de 1980, foram determinantes para a expansão da EaD no país, principalmente para a inclusão do ensino superior na modalidade, anteriormente voltada ao ensino fundamental e médio e à capacitação de professores. Como demonstram os autores (p. 28) “A Universidade de Brasília foi pioneira no uso da EaD no ensino superior, com o programa de ensino a distância que ofereceu um curso de extensão universitária em 1979”.

Segundo o relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil - Censo EaD. BR³ - o número de alunos que aderiram ao sistema de ensino a distância no Brasil ultrapassa a casa dos 3,5 milhões de estudantes. A maioria dos cursos oferecidos a distância (56%) constitui-se de cursos livres, e, portanto, não precisam de autorização do MEC (Ministério da Educação) para funcionarem. Os cursos oferecidos têm como foco a atualização ou aperfeiçoamento pessoal. Neles estavam matriculados, em 2011, 2,7 milhões de estudantes (77,2%). Entre os 3.971 cursos autorizados pelo MEC, a maior parte dos matriculados está no ensino superior (75%). A pós-graduação responde por 17,5% dos estudantes - inclusos aí mestrados, MBA e outros lato-senso. O restante dos matriculados, 7,5%, dividem-se entre cursos de ensino fundamental, médio e técnico. A pesquisa indica ainda que as mulheres são a maioria. Os alunos da EaD concentram-se na região Sudeste: 2,1 milhão de matrículas. O Sul aparece em segundo lugar, com 625.184 estudantes. No Centro-Oeste são 595.098 estudantes e no Nordeste, 256.084. O Norte fica em último, com 14.184 matriculados. Assim como no ensino presencial, o maior obstáculo da modalidade está na evasão dos alunos, com uma média de 20%.

A afetividade na EaD: algumas questões teóricas

Os educadores eficientes sabem que a pessoa só aprende construindo sobre os pontos fortes e não enfocando as fraquezas. (Bloom et al.1974)

Buscamos em Piaget nossa inspiração. Para esse autor não existe conhecimento sem que haja afetividade, visto que as relações entre afetividade e inteligência são indissociáveis e integradas. "...não sendo possível se ter duas psicologias, uma da afetividade e outra da inteligência, para explicar os comportamentos. (*apud* SOUZA, 2003, p. 56). Para Piaget (1969) o desenvolvimento afetivo ocorre paralelamente ao cognitivo, exercendo profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual.

A partir das reflexões de Piaget podemos depreender que as emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelecem relações com objetos físicos ou outros indivíduos. Afetividade e cognição, portanto, ainda que em proporção variável, constituem-se aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade.

Fazendo um recorte histórico, no Brasil, apenas a partir dos anos 1990, as discussões acerca da afetividade e da cognição passaram a ser consideradas no modelo educacional brasileiro, que, até então, centrava a promoção da aprendizagem no fator cognitivo.

Para nossa reflexão entenderemos a afetividade como a energia necessária para que a estrutura cognitiva possa operar. Bringuier (1978 p. 71-72), citando Piaget, expõe que “é inteiramente evidente que, para que a inteligência funcione, é preciso um motor, que é o afetivo. Jamais se procurará resolver um problema se ele não lhe interessa. O interesse, a motivação afetiva, é o móvel pra tudo”.

Na EaD as noções de tempo e espaços são de natureza diversa daquelas que ocorrem no ensino presencial, uma vez que o contato pessoal com o profissional que exerce a função docente, o tutor, é muito menor, na maioria das vezes até inexistente. O processo de ensino e aprendizagem é mediado por recursos tecnológicos.

A questão afetiva é um elemento importante, que deve ser considerado no processo de aprendizagem, pois pode fazer com que os estudantes se sintam mais motivados, ou menos motivados e tenham maior ou menor facilidade de aprendizagem. Na EaD o suporte tecnológico e a qualidade estética não podem ofuscar a importância das relações, pois conforme Mello (2004), não se pode ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante.

A afetividade na EaD: um estudo de caso

O artigo que ora apresentamos foi construído a partir da reflexão do ato de “tutorar”⁴ algumas turmas a distância na Universidade Cruzeiro do Sul no primeiro semestre de 2012.

Antes de iniciarmos nosso relato é preciso apresentar as especificidades das disciplinas que serviram como base para as nossas reflexões.

A Universidade Cruzeiro do Sul, desde 2009, em conformidade com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) oferece 20% das disciplinas dos cursos da graduação presencial por meio de disciplinas oferecidas na modalidade online. As disciplinas que acompanhamos têm uma carga horária de 80 horas, divididas da seguinte forma:

- ⇒ 06h – ambientação: que tem como objetivo apresentar ao aluno a proposta do curso; as especificidades do ambiente; apresentar os materiais e as ferramentas do ambiente (utilizamos o Blackboard);
- ⇒ 70h – conteúdos específicos da disciplina;
- ⇒ 04h – avaliações presenciais

Todas as disciplinas oferecidas pela Universidade Cruzeiro do Sul têm o mesmo design instrucional que se configura a partir dos seguintes elementos:

- ⇒ **Avisos** – fala direta do professor no ambiente virtual a todos os alunos da turma.
- ⇒ **Informações da disciplina** – informações didáticas (calendário, avaliação, critério de avaliação, e etc).
- ⇒ **Informações da equipe** – espaço para que o professor tutor apresente-se aos alunos da turma por meio de um breve currículo e de sua foto recente.
- ⇒ **Material didático** – conteúdos em formato DOC/PDF e PowerPoint narrado e versão para impressão, organizados em pastas, links, testes e atividades de aprofundamento para os temas discutidos.
- ⇒ **Fórum de discussão** – espaço de interação entre alunos e professores e entre os próprios alunos por meio de questões relativas à unidade de conhecimento.
- ⇒ **Mensagens** – ferramenta indicada para a comunicação direta entre alunos e professores e entre alunos de uma mesma turma.
- ⇒ **Recursos digitais** - inserção da videoteca Campus Virtual, da Biblioteca Virtual Pearson Artmed e podcasts, associados ao conteúdo da disciplina.

Voltemos à questão que deu origem a esta discussão, ou seja, a afetividade. É conveniente perceber que vários autores, como já descrito anteriormente, demonstram a importância da afetividade para a aprendizagem. Mas, será a afetividade possível somente no ambiente da sala de aula? Para investigar tais fenômenos realizamos um estudo de caso, no qual utilizamos os conceitos e metodologias da pesquisa qualitativa, pois esta apresenta características compatíveis com o foco de nosso trabalho. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas as narrativas de alguns alunos matriculados nas disciplinas online da Universidade Cruzeiro do Sul, nas quais ficam evidentes suas impressões e sentimentos acerca do conhecimento adquirido, bem como a imagem que se tem do ambiente e da modalidade online. Nesse sentido, é importante ressaltar a importância da observação e análise dos afetos dos alunos dentro de disciplinas ministradas a distância. A análise desses afetos e sentimentos poderá configurar-se como guia para o planejamento das atividades, bem como facilitar o processo de aprendizagem de futuros alunos.

Em seu livro *Cibercultura*, Levy (2003 p.22) questiona o mito do impacto da tecnologia na sociedade. Para ele, as técnicas não vieram do nada, de outro planeta, de outro mundo sem emoção ou humanização. A tecnologia vem do homem para o homem.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma não podemos separar o mundo – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentamos, enfim que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais. [...] As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas.

Na mesma linha de pensamento Rheingold (1998) destaca a possibilidade de relação afetiva emocional nas comunidades virtuais. Para ele, as relações do tipo face-to-face estão sendo substituídas pelas do tipo heart-to-heart, isso, porque, segundo ele, as emoções estão fluindo tão intensamente no mundo virtual quanto no mundo real. Ainda segundo o autor, as pessoas fazem, no ciberespaço, as mesmas coisas que fazem na vida real, a única diferença é que no espaço virtual os corpos não são considerados.

Analisando as afirmações dos autores, bem como as respostas que obtivemos durante as atividades de tutoria, é possível afirmar que há afetividade no ciberespaço educativo/ambiente virtual de aprendizagem. A afetividade, a emoção e o carinho estão presentes e são observáveis. É possível perceber sentimentos e afetos nesse espaço nas mensagens transcritas a seguir. Eliminamos os nomes com o objetivo de preservar a identidade dos alunos e alunas. As trocas de mensagem foram efetivadas no primeiro semestre de 2012. Os textos foram transcritos sem qualquer alteração.

Professora Vilma. Obrigada pelo recadinho, você faz a diferença na virtualidade, todos os professores deveriam ser como você muitos não respondem nem a mensagem que enviamos. Abraço virtual. - *Métodos e Técnicas de Pesquisa (2012)*

Estimada professora. Vc é uma mestra de verdade (assim...por vocação -não só por status ou por remuneração), porque nos faz sentir alunos, e alunos queridos, amparados. Isso é meio raro nas Faculdades. (...) no sistema online. Parabéns, apesar da autonomia discente da atualidade, os alunos- de qqer idade, ainda precisam de mestres comprometidos com seu desenvolvimento. Sucesso na vida. Um grande abraço e muito agradecida pela atenção - *Métodos e Técnicas de Pesquisa (2012)*.

Nossa experiência mostra que é possível, inclusive, mudar preconceitos relacionados à modalidade. Dizemos isso, pois, logo no início de nossas atividades recebemos várias manifestações contrárias à modalidade de ensino. Lembramos que a disciplina online da Universidade Cruzeiro do Sul é oferecida para os cursos presenciais e, portanto, a rejeição tende a ser efetiva e contundente. Vejamos um exemplo desse tipo de manifestação.

(...) Faço um desabafo, pois, me deparo com inúmeras dificuldades para realizar atividades on-line, principalmente para me disciplinar, me atentar e conseguir manter a minha atenção para a realização das atividades. Sou um crítico ferrenho deste processo educacional lamentável que inundou as universidades brasileiras (...) sei da tamanha importância que um professor tem na vida acadêmica de um aluno, sobretudo de forma presencial, cotidiana, onde o "feeling" e o "olho no olho" possam fazer a diferença. Falo isso, porque além da questão citada acima, sou um profissional da área da educação, pós-graduado em Psicopedagogia, podendo desta forma, compreender como pode ser deficitário cursar uma disciplina de graduação de forma não presencial e on-line. – *Antropologia (2012)*

A mensagem enviada nos desafiou a buscar uma maneira de organizar as atividades de tutoria de modo a sanar as lacunas apontadas. Minha resposta ao Murilo foi bastante efetiva, pedi a ele que nos desse uma chance de provar que era possível aprender e ainda existir “relação/convivência” no espaço virtual de aprendizagem. Depois dessa mensagem, a primeira do semestre e a que balizou nossa relação, outras várias foram trocadas durante o semestre. Até que na última semana de aulas recebi a seguinte mensagem:

Profa. Vilma, boa tarde! Agradeço pelas informações finais. Além disso, gostaria de lhe agradecer pelo semestre (...) posso afirmar que consegui aprender e com qualidade. Fiquei muito feliz de todas as vezes que necessitei, tive o seu apoio e o suporte necessário. Você sem dúvida é uma grande profissional, comprometida com os alunos e que compreende a grande importância que o tutor têm neste novo processo educacional e está, é uma opinião geral dos meus colegas de classe. – *Antropologia (2012)*

Seguindo as linhas que defendem que a educação deve ocorrer, essencialmente, de dentro para fora, torna-se fundamental reconhecer a importância do ambiente no processo de ensino-aprendizagem. As especificidades inerentes a esse processo podem definir sua efetividade ou insucesso. Para Moraes (2003), a aprendizagem está ligada tanto a fatores internos do indivíduo quanto externos. Ambientes virtuais ou presenciais que valorizam a diversidade tendem a desempenhar papel importante. Demo (2003) defende a ideia de que há excesso de presença física nas escolas e nas universidades. Para ele isso ocorre visto que o aluno é obrigado a ir à escola

para ouvir do professor o que pode ser facilmente encontrado em outros lugares, o que seria uma perda de tempo e abuso da boa vontade do aluno.

Assim como Demo, não estamos defendendo a ausência do professor, tanto para nós quanto para o pesquisador um ambiente virtual de aprendizagem necessita de um educador capaz de instigar o livre pensar, a indagação, a argumentação.

Nossas atitudes durante todo o processo da tutoria foram pautadas em Garrison, Anderson e Archer (2000) que desenvolveram um modelo de aprendizagem online que nomearam de “comunidade de aprendizagem”. Para os pesquisadores, para que o processo de ensino em ambiente virtual de aprendizagem ocorra são necessários três elementos:

1. **Presença cognitiva** – consiste na capacidade de se construir significado por meio da comunicação, entendida como o objetivo de influenciar o pensamento de maneira crítica e reflexiva.
2. **Presença social** – consiste na criação de um clima social agradável, no qual todos os participantes do processo de ensino aprendizagem sejam capazes de demonstrar as suas dúvidas, ideias e sugestões.
3. **Presença de ensino** – remete-se a duas funções gerais na experiência educacional: o desenho instrucional, geralmente feito pelo professor e a facilitação, uma função dividida entre o professor e os participantes

Como procuramos demonstrar com a exposição das mensagens de alunos e na análise que fizemos delas, no processo ensino aprendizagem na modalidade EaD ocorrem estas três presenças, apesar de termos abordado neste artigo apenas a presença social, em função dos objetivos estabelecidos. Consideramos, porém, que os três elementos fazem parte do processo e que o elemento social atua como um facilitador no processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação indicou que é possível observar afeto nas relações ocorridas entre tutor e alunos no ambiente virtual de aprendizagem, uma vez que o ciberespaço propicia diversos tipos de comunicação e por meio dessas comunicações é possível estabelecer vínculos entre os atores envolvidos. Neste sentido, nos remete para a necessidade de considerarmos os ambientes virtuais como espaço do “conviver”, ultrapassando a concepção de simples

troca de informação. Esses espaços de interação e troca, podem significar novas possibilidades para alunos, professores e tutores.

Percebeu-se ainda que, além de afetos/vínculos com o tutor é possível estabelecer, também, afetos positivos em relação ao conhecimento, que se bem orientado, pode refletir em grande medida na absorção dos conteúdos ministrados. Nessa perspectiva, o tutor de disciplinas a distância deve observar tais afetos para planejar suas ações, incluindo o uso de metodologias e práticas, de acordo com as motivações dos alunos, para que a aprendizagem possa ser efetiva.

¹ Marise Brandão: Entrevista 2010 para a **Revistapontocom**. Marise é Orientadora Tecnológica Educacional do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

² Falamos de modernização, pois no Brasil a Educação a Distância (EAD), apesar de ter começado timidamente, tem suas origens registradas segundo Marques (2004) em 1850. Segundo a autora “agricultores e pecuaristas europeus aprendiam, por correspondência, como plantar ou qual a melhor forma de cuidar do rebanho”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u396511.shtml>

³ O Censo EAD.BR, realizado pela ABED (Associação Brasileira de Ensino a Distância), reúne informações de 181 instituições que oferecem cursos de aprimoramento pessoal e profissional EAD - o que representa 13% das 1.424 instituições de ensino a distância listadas pela ABED. Os dados captados são de 2011.

⁴ Entendemos a tutoria como o ato de tutorar o aluno, ou seja: amparar, orientar, tutelar; tudo isso com vistas ao seu crescimento cognitivo.

Referências Bibliográficas

- BLOOM, B. S.** et al.. Taxionomia de objetivos educacionais: domínio afetivo. Porto Alegre: Globo, 1974.
- BRINGUIER, J. C.** Conversando com Jean Piaget. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.
- CENSO EAD.BR:** Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2011. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- DEMO, Pedro.** Instrucionismo e nova mídia. In: SILVA, Marco (Org.). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.
- GADOTTI, M.** Perspectivas atuais da educação. São Paulo em Perspectiva. (Vol.14, n.2, pp. 03-11). São Paulo: SP Perspect: 2000.
- GARRISON, D. R., ANDERSON, T., ARCHER, W.** Critical Inquiry in a textbased environment. Computer Conferencing in Higher Education. Internet in Higher Education, v. 2, nº 2, p. 87-105, 2000.
- LÉVY, Pierre.** Cibercultura. 2ª Ed. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 2003.
- MAIA, C. e MATTAR, J.** ABC da EaD. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- MORAES, Maria Cândida.** Educar na biologia do amor e da solidariedade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PERRENOUD, Philippe.** “Construindo Competências”. In *Revista Fala Mestre!* Setembro de 2000.
- PIAGET, J.** A construção do real na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- Rheingold, H. A Comunidade Virtual. (H. Aranha, trad.). Lisboa: Gradiva, 1996.
- SOUZA, M. T. C. C. de.** O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTESM V. A. (org.) Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.